

A VEZ DAS CRIANÇAS: UM ESTUDO SOBRE AS CULTURAS DA INFÂNCIA NO COTIDIANO DA CRECHE

FILHO, Altino José Martins – UFSC

GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos / n. 07

Agência Financiadora: não contou com financiamento

PREMISSAS INICIAIS

Quem possui uma *cultura* própria e se exprime através dela, é *livre e rico*. (Pasoline)

Venho socializar neste trabalho algumas considerações analíticas e propositivas a respeito das produções culturais das crianças de 0 a 6 anos. Este estudo em andamento é parte de uma pesquisa de mestrado, que apresenta como objetivo principal conhecer, descrever e analisar as dinâmicas das relações que as crianças estabelecem umas com as outras no espaço/tempo em que convivem no interior das instituições de educação infantil.

Tomo como ponto de partida, a concepção de infância segundo a qual, a criança é vista como sujeito de direitos numa dimensão histórica, educacional, social e cultural. Articulada a esta concepção, a pesquisa tem como foco *adotar o ponto de vista das crianças ou estudá-las por seu próprio mérito* (Qvortrup, 1995:5).

Neste sentido, tracei algumas indagações e questionamentos: Existem espaços/tempos no interior das instituições de educação infantil por onde possam fluir as relações das crianças umas com as outras? Quais seriam os aspectos mais reveladores das relações que as crianças estabelecem umas com as outras no interior das instituições de educação infantil? As relações que as crianças estabelecem umas com as outras apresentariam “padrões” de manifestações?

A idéia de investigar as crianças por meio do conhecimento da produção cultural da infância, têm como aporte os estudos no campo da Sociologia da Infância, os quais consideram a criança como ator social, que além de se apropriar de elementos culturais, produz cultura. Ela parte também, do considerável esforço que vêm sendo despendido pelos pesquisadores da infância em busca da consolidação de uma *Pedagogia para a Educação Infantil*¹, cujo objeto de preocupação é a própria criança.

Escolhi como fio condutor, dialogar com as Ciências Humanas e Sociais, procurando apoio nas contribuições teóricas desenvolvidas nas diversas áreas (Sociologia, Antropologia, História, Psicologia e Pedagogia), correspondendo também, a uma pluralidade de abordagens e procedimentos metodológicos. Estudos, que possibilitou entrar em contato com o universo de significações culturais e sociais próprios da infância, deixando-me enlaçar pelos fios que são puxados da teia dos contextos de vida das crianças.

¹Ver Rocha (1999).

AS CULTURAS DA INFÂNCIA: por uma concepção de criança para além da perspectiva desenvolvimentista

A infância aparece sob muitos olhares nas pesquisas educacionais nos diferentes lugares e tempos históricos, porém o interesse desta investigação, é centrar os estudos na perspectiva das crianças pequenas (0 a 6 anos), acentuando o que a contemporaneidade tem aportado na busca pela pluralização dos modos de ser criança, a heterogeneidade da infância enquanto categoria social em si mesma e o investimento nas crianças por meio do conhecimento das culturas infantis.

Sarmiento & Pinto (1997) afirmam que o conceito de infância, retratado pela Psicologia Desenvolvimentista, está longe de corresponder a uma categoria universal, natural e homogênea. Segundo os autores, a focalização adotada a partir de estudos que se inspiravam na perspectiva psicológica, centravam-se menos nas crianças como sujeito do que nas crianças como pretexto, referente ou destinatário de processos que, esses sim, constituíam o verdadeira objeto de estudo, fossem esses processos o da estimulação do desenvolvimento individual, o da prática médica, da puericultura ou da prática educativa. Os estudos de desenvolvimento psicológico das crianças, constituem os pontos centrais dessa abordagem, que deixa na “penumbra as crianças” como seres plenos e na “escuridão a infância” como categoria social e cultural.

Cabe destacar, que considero inegável a importância das contribuições e iniciativas que a Psicologia vem possibilitando à Pedagogia, principalmente, na busca pelo conhecimento das características das crianças e pelos indicativos de elegê-las como ponto de partida nas pesquisas educacionais; por outro lado, o foco de discordância em relação à perspectiva psicológica e médica, está centrado na hegemonia que a *Psicologia do Desenvolvimento* vem determinando à educação das crianças pequenas, já em relação a *Medicina*, a crítica tem ligação direta com o seu viés higienista; os saberes dessas duas ciências prevaleceram como domínios científicos por um longo período no campo educacional, os quais trouxeram algumas consequências para a Educação institucionalizada.

Para Jobim e Souza (1997), o campo educacional é herdeiro desta “Psicologia Desenvolvimentista”, corrente que habilitou a pensar a criança na perspectiva de um organismo em formação, que se desenvolve por etapas, segundo uma dada cronologia, reduzindo-a em categorias separadas que são isoladas uma da outra e encaradas de maneira dicotômica, fragmentando-a em sujeito (cognitivo, afetivo, social, motor, lingüístico...); a tradição desses estudos tende a engendrar um discurso biológico-evolucionista e pedagógico-normativo que coloca a criança como um “ser do futuro”, “incompleto”, alguém à “vir-a-ser” no mundo. Cabe questionar: - Será que esta idéia de infância tão permanente no pensamento pedagógico está ainda presente na prática cotidiana nas creches e pré-escolas?

Para além da concepção que determinadas correntes destas duas ciências (Medicina e Psicologia do Desenvolvimento) vem considerando as crianças, o estudo está calcado na imagem da criança-cidadã, reconhecendo-a como ator social de pleno direito, produtora e produto da cultura a qual está inserida.

A partir dessa reflexão, pode-se dizer que a pesquisa trilha por outros caminhos, talvez o que tem sido apontado por Montandon (2001); Sarmento (1997, 2000); Sirota (2001); Ferreira (2002), como sendo a busca por um *novo paradigma para o estudo da infância*, este entendimento vem sendo marcado mais recentemente pela Sociologia da Infância.

Na compreensão dos autores supracitados, este *novo paradigma*, tem como base a mudança de uma perspectiva que enfatizava a lógica da *reprodução social*² que colocava as crianças no papel de destinatários das políticas educativas e das práticas pedagógicas centradas nos adultos, para uma outra perspectiva, que considera a categoria social infância como *susceptível de ser analisada em si mesma*, que interpreta as crianças nas suas múltiplas relações simbólicas estabelecidas entre si e com os adultos. É neste sentido que questiono: - Quais implicações esta perspectiva vem delineando que podem nos fornecer subsídios para consolidarmos uma pedagogia que venha de encontro com as especificidades da(s) infância/crianças?

De acordo com Sarmento & Pinto (1997), a consideração das crianças como atores sociais, e não como sujeitos incompletos ou como componentes acessórios ou meios da sociedade dos adultos, implica o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte das criança e a constituição das suas manifestações, representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas.

Desta forma, Sarmento & Pinto (1997) chamam a atenção, explicitando, que a *autonomia cultural* das crianças é um tema envolto em algumas controvérsias, o debate não se centra no fato, reconhecido, das crianças produzirem significações autónomas, mas em saber se essas significações se estruturam e consolidam em culturas da infância. Os autores alertam que, as culturas da infância possuem, antes de mais, dimensões relacionais, constituem-se nas interações de pares e das crianças com os adultos, estruturando-se nessas relações formas e conteúdos representacionais distintos, elas exprimem a cultura societal em que se inserem, mas fazem-no de modo distinto das culturas adultas, ao mesmo tempo que veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo.

Isto sugere vários argumentos, face às ações das crianças, e permitem pensar que elas, dependem dos atributos partilhados com o meio social e cultural que estão convivendo, eles é que vão fornecer, os elementos que irão estruturar suas vidas sociais, capacitando as crianças à construir significados próprios e, contudo, habilitando-as à tornarem-se atores sociais e culturais

Neste sentido, a instituição educacional passa a ser entendida como espaço privilegiado das sociabilidades humanas, espaço fértil das culturas como produção e produto, como equilíbrio e conflito, como trama e textura do social.(Gusmão, 1999:8). Por essa linha de pensamento, a creche é entendida como um “mundo social”, e as crianças como atores sociais consumidores e produtores de culturas. Assim, conhecer as construções culturais e sociais das crianças que frequentam essa instituição, consideramos ser uma aventura

² Consultar Émile Durkheim (1858 – 1917).

complexa e sinuosa, pois, é preciso reconhecer a creche e o grupo de crianças que lá estão, em seu caráter não homogêneo, avistando as diferenças, de maneira a tornar visível a pluralidade cultural.

PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

Os estudos preliminares realizados com o intuito de elucidar os caminhos possíveis para levar a termo esta pesquisa, apontam o estudo de caso com orientação etnográfica como a melhor estratégia de trabalho, pois a etnografia impõe uma orientação do *olhar* investigativo para os símbolos, as interpretações, as crenças e valores que integram a vertente cultural das dinâmicas da ação que ocorrem nos contextos pesquisados. Isto significa a opção por um método mais aproximado dos processos qualitativos e participativos, designadamente a utilização da observação participante e dos registros sistemáticos das dinâmicas observadas, podendo-se lançar mão das mais diferentes formas de registros, dentre elas é imprescindível, contudo, o registro filmico, escrito e fotográfico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Maria Manuela Martinho. A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos: as crianças como actores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no quotidiano de um Jardim de Infância. Portugal. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação. Universidade do Porto – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2002.
- GUSMÃO, Neusa M. M. de. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, nº 107, pp.41-78, jul.. 1999.
- JOBIM E SOUZA, S. Re-significando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, S. e LEITE, M. I. (orgs). Infância: fios e desafios da pesquisa. Campinas, S. P.: Papirus, 1997.
- MONTANDON, Cléopâtre. Sociologia da infância: Balanço dos trabalhos em língua Inglesa. Trad. Neide Luzia Resende. Cadernos de Pesquisa. nº 112, 2001,p. 33 – 60, março. 2001.
- QVORTRUP, Jeans. A infância na Europa: novo campo de pesquisa social. centro de documentação e informação sobre a criança. Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. Tradução de Helena Antunes, (mimeo).
- ROCHA, Eloisa Candal. A Pesquisa Em Educação Infantil No Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia. Campinas/SP. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- SARMENTO, Manuel J. & Pinto, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. (orgs.) As Crianças - Contextos e Identidades. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.
- SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. Cadernos de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas, São Paulo: Autores Associados, n. 112, p. 7-32, março. 2001.
- TUNUCCI, F. Com olhos de criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ESQUEMA DE APRESENTAÇÃO DO PÔSTER

Título	
Autor, Orientador, Instituição	
Premissas Iniciais	
Objetivo	Metodologia
Desenvolvimento e análise do tema	
Principais referenciais bibliográficos utilizados na pesquisa	